



O ENSINO DO VIOLINO PARA PESSOAS COM SÍNDROME DE DOWN: um estudo de caso

Thais Carneiro

Universidade Federal do Pará
tcarneiro@hotmail.com

RESUMO

A presente pesquisa trata do ensino do violino no contexto específico para alunos com Síndrome de Down. Tem como objetivo principal experimentar e desenvolver metodologia no ensino do violino para pessoas com Síndrome de Down, assim como observar o aprendizado musical e mudanças comportamentais dos alunos que participam do projeto, preparando-os para ingressar nos cursos técnicos da escola. Esta pesquisa está inserida no projeto de extensão desenvolvido na Escola de Música da Universidade Federal do Pará (EMUFPA) chamado “O ensino da música através do violino para pessoas com deficiência visual”. A metodologia aplicada foi estudo de caso, com a coleta de dados realizada por meio de observações nas aulas e nas atividades desenvolvidas. Os resultados são satisfatórios no aprendizado; promoveu-se a inclusão da aluna nas atividades do grupo de violino da escola, onde percebe-se claramente a satisfação em estar inserida na comunidade musical da EMUFPA. Esta pesquisa divulga a Inclusão social e musical que a escola realiza, abrindo caminho para que outras pessoas com Síndrome de Down e com outras deficiências, se aproximem e ingressem na escola; além de trazer novos dados científicos, enriquecendo a literatura do tema abordado.

PALAVRAS-CHAVE

síndrome de Down; aprendizado musical; inclusão musical.

Como citar este artigo?

CARNEIRO, Thais. O ensino do violino para pessoas com Síndrome de Down: um estudo de caso. *In: Encontro sobre Música e Inclusão*, 10., 2023, Natal/RN, **Anais eletrônicos** [...]. Natal/RN: EMUFRN, 2023. Tema: Conectando conhecimento e boas práticas em Inclusão e Acessibilidade. p. 114–125. Disponível em: <https://ojs.musica.ufrn.br/emi>.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa está inserida no projeto de ensino, pesquisa e extensão, que desenvolvo na Escola de Música da Universidade Federal do Pará (EMUFPA) desde 2013, denominado "O ensino do violino para pessoas com deficiência visual", que tem como objetivo principal experimentar e desenvolver metodologia de ensino específico no violino para pessoas com deficiência.

O projeto iniciou exclusivamente para pessoas com deficiência visual; são 10 anos de aulas ministradas no aprendizado do violino para pessoas com deficiência visual, chegamos a ter 12 alunos cegos estudando violino, obtivemos resultados importantes no aprendizado e desenvolvimento musical dos alunos, estreitamos a relação da música com a pessoa com deficiência visual, comprovando que o aprendizado musical é possível e satisfatório.

A partir de 2019 passei a ministrar também, aulas de violino para uma aluna com Síndrome de Down. Fiquei muito feliz com essa nova oportunidade em estar inserida no ambiente da inclusão musical, um desafio desejado e esperado, visto que sempre houve esse entusiasmo em estudar mais profundamente como funciona esse aprendizado. Através dessa pesquisa, pretende-se refletir sobre o processo ensino-aprendizagem do violino às pessoas com Síndrome de Down.

A Convenção sobre o Direito das Pessoas com Deficiência da Organização das Nações Unidas, promulgado em 2007, define em seu Artigo 01 que: "Pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas" (BRASIL, 2012a, p.26). Essas barreiras podem ser arquitetônicas (portas, salas, banheiros não adaptados, falta de elevadores); urbanísticas (falta de piso tátil, sinais sonoros e calçadas desniveladas); transportes (falta de adaptações, rampas de acesso, avisos sonoros); comunicação (falta de tradutores, legendas) e atitudinais (que são preconceitos e posições contrárias à presença e inclusão de pessoas com deficiência na sociedade).

Karagiannis (1999, p. 21) afirma que "[...] o ensino inclusivo é a prática da inclusão de todos, independentemente de seu talento, deficiência, origem socioeconômica ou origem cultural [...]". É um ensino voltado à formação completa e livre de preconceitos, que reconheça as diferenças e dê a elas seu devido valor.

A arte abre caminhos para que as pessoas com deficiência recuperem sua autoestima, influenciando na forma com que sentem, entendem e constroem suas visões de mundo, levando a assumir um novo papel na instituição, na família e na comunidade em que

vive (FERREIRA, 2010). A música como forma de arte, pode contribuir no desenvolvimento emocional e na integração social humana, relacionando-se com as funções do corpo e trazendo inúmeros benefícios. Ela se mostra como aliada no desenvolvimento das capacidades cognitivas e estruturais, respeitando as limitações de cada indivíduo (TUDASSAKI; LIMA, 2011). As pessoas com deficiência, possuem o direito a aprendizagem musical e ao desenvolvimento de habilidades que as levem a se apropriar de conteúdos artísticos. Oliveira et al. (2014) e Louro (2012), apontam em suas pesquisas, que a educação musical pode possibilitar também o desenvolvimento da coordenação motora através do aprendizado dos instrumentos musicais.

Em se tratando de pessoas com Síndrome de Down, Schwartzman (2003) esclarece que: "Uma criança com Síndrome de Down desenvolve-se mais lentamente do que uma criança dita normal da mesma idade; no entanto, isto não significa que aquela está impedida de aprender". Utilizar a música pode ajudar essas pessoas no seu desenvolvimento geral, e de uma forma muito agradável.

O professor para realizar a inclusão segundo Silva (2009), precisa de competências pedagógico-musical, e que esteja comprometido com a questão da inclusão. É necessário realizar mudanças de atitudes e hábitos; disponibilidade ao tempo do aluno; qualificação perante as deficiências; atividades adaptadas e principalmente possuir um forte compromisso com os alunos com deficiência. Infelizmente encontramos ainda professores sem formação para atender esse público, assim como escolas não equipadas, com ausência de materiais e espaços pedagógicos adequados.

1.1 Síndrome de Down e Música

A Síndrome de Down constitui a principal alteração cromossômica associada a deficiência intelectual, porém as alterações no desenvolvimento que provoca não se limitam apenas à deficiência intelectual (PATTERSON; COSTA, 2005). É uma alteração causada por um cromossomo extra no par 21; o indivíduo que não tem Síndrome de Down apresenta 46 cromossomos (pares de 23), já o que possui, apresenta 47 cromossomos (três cópias do cromossomo 21, ao invés de duas).

Segundo Pueschel (1993) e Schwartzman (2003), "é a síndrome genética apontada com mais frequência em humanos, atingindo cerca de 01 em cada 600 a 800 nascidos vivos". Decorre de um acidente genético no momento ou logo após a concepção; salientando que a idade avançada da mãe é um dos fatores bastante relevantes associado ao surgimento da Síndrome de Down, porém qualquer casal, de qualquer idade, pode

gerar um filho com Síndrome de Down (PUESCHEL, 1993; BRESSAN, 2002; MUSTACCHI, 2002).

Os estímulos do meio externo são capazes de alterar o Sistema Nervoso Central, permitindo a evolução do indivíduo em um processo de aprendizagem que oportuniza melhor adaptação ao meio em que vive. Já no indivíduo com Síndrome de Down, esse desenvolvimento depende da biologia, do comportamento, do ambiente, e não apenas da maturação do sistema nervoso (TORQUATO; LANÇA; PEREIRA; CARVALHO; SILVA, 2013, p. 516).

Algumas das dificuldades encontradas, podem estar relacionadas à linguagem, raciocínio lógico, memória e na reflexão da sua socialização e autonomia. Estes déficits acarretam prejuízos no funcionamento adaptativo, de modo que o indivíduo apresenta dificuldade ou impedimento em atingir padrões de independência pessoal e responsabilidade social. Seu desenvolvimento é resultado de estímulos que recebem desde a infância, e que irão influenciar na sua trajetória escolar e de vida (ROCHA; PAULO; RIBEIRO, 2018).

“Tanto o comportamento como o desenvolvimento da inteligência da pessoa com Síndrome de Down, não dependem exclusivamente da alteração cromossômica, mas também do potencial genético e das importantíssimas influências derivadas do meio” (SCHWARTZMAN, 2003). Mustacchi (2002), complementa que “[...] as bases do comprometimento intelectual não estão relacionadas com a redução do número de neurônios, e sim, na redução das ramificações sinápticas”.

O déficit da memória auditiva, uma das características encontradas na pessoa com Síndrome de Down, pode estar ligada ao atraso no desenvolvimento da linguagem. Atividades musicais têm influências positivas no aprimoramento das habilidades auditivas, bem como no seu desenvolvimento geral (MARCELL, 1995; TRISTÃO & FEITOSA, 2003).

Segundo a pesquisa de Meegan et al. (2006), pessoas com Síndrome de Down terão melhor desempenho e realização das atividades se forem lhes dadas instruções visuais. Wylie (2006) confirma que através da música as pessoas com Síndrome de Down conseguem se comunicar sem a necessidade de usar a linguagem verbal, podendo utilizar gestos, expressões e movimentos. Seus elementos musicais como pulsação, ritmo, melodia e harmonia, compõem as atividades musicais que serão adaptadas, ajudando as pessoas com Síndrome de Down processarem de forma positiva os sentimentos que tem sobre elas mesmas, facilitando a interação social, emocional e habilidades cognitivas. A música também oferece oportunidades de autoexpressão, autoestima e autocontrole.

São poucas as pesquisas encontradas sobre o aprendizado musical no violino da pessoa com Síndrome de Down. Sousa (2018), procurou compreender como se deu essa

aprendizagem em uma turma de violino composta de três crianças com Síndrome de Down e quatro crianças típicas (sem transtornos do desenvolvimento); os resultados atestam que as crianças com Síndrome de Down que participaram da pesquisa, conseguiram um bom desenvolvimento na aprendizagem musical; concluindo que o ensino coletivo do violino realizado pelo projeto, promove a integração e socialização das crianças, além de facilitar a aprendizagem de todos.

Uma reportagem do Instituto Federal da Paraíba (2022), relata o aprendizado do violino de uma aluna que concluiu o curso técnico no violino, onde os resultados geraram o crescimento da estudante, tanto musical quanto pessoal, com sua participação em apresentações na orquestra de corda do Instituto Federal da Paraíba (IFPB).

Mais um exemplo do aprendizado do violino para pessoas com Síndrome de Down, temos o Emmanuel Joseph Bishop, que toca violino com destreza e dá palestras nos Estados Unidos e em outros países. Se apresenta em concertos com orquestra e individualmente, provando que pessoas com Síndrome de Down são absolutamente capazes e hábeis para se tornarem o que quiserem (PIETRO, 2019).

As políticas públicas brasileiras possuem o objetivo de garantir que todas as pessoas tenham acesso a um ensino de qualidade, com os mesmos direitos educacionais e oportunidades para desenvolverem habilidades e autonomia. Nas últimas décadas, observamos um crescimento significativo nas práticas e políticas públicas relacionadas à qualidade de vida de pessoas com deficiência em todo o mundo (NEVES; COSTA; FERREIRA, 2022).

O professor que pretende trabalhar com as práticas de ensino inclusivo na educação musical, precisa como primeiro passo, conhecer mais profundamente a deficiência do aluno, as questões ligadas às especificidades de desenvolvimento, e a partir daí, elaborar atividades que venham ajudar no processo de aprendizagem e nas práticas educacionais musicais.

2 OBJETIVOS

Geral: experimentar e desenvolver metodologia no ensino do violino as pessoas com Síndrome de Down.

Específicos:

- Observar o aprendizado musical e mudanças comportamentais dos alunos que participam do projeto;
- Proporcionar vivências musicais e aproximar as pessoas com Síndrome de Down da Escola de Música da UFPA;

- Divulgar o trabalho de inclusão musical que a EMUFPA desenvolve;
- preparar alunos com Síndrome de Down e outras deficiências para ingressar nos cursos da EMUFPA;
- Utilizar tecnologias assistivas as quais as pessoas com Síndrome de Down possuem acesso, facilitando a comunicação e o aprendizado musical.

3 METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi estudo de caso, onde segundo Chizzotti (2008), esse tipo de pesquisa recolhe informações de uma ou mais situações, com o propósito de relatar um acontecimento, analisando os fatos com críticas avaliativas, com a intenção de recomendar sugestões para melhorias e soluções das dificuldades encontradas.

Antes da elaboração das atividades de intervenção, é fundamental realizar uma coleta de dados sobre o aluno, recolhendo informações que envolvam o nível clínico, educacional, social e de desenvolvimento; com o objetivo de fazer uma avaliação detalhada do resultado para poder encontrar uma metodologia adequada e direcionada ao aluno.

Utilizamos o método Suzuki, criado pelo professor Shinichi Suzuki (1898-1998), com o objetivo de desenvolver o potencial inato das crianças, afirmando que todas são capazes de aprender. Utilizou-se o método com as atividades musicais desenvolvidas, explorando os ritmos com associações de palavras de compreensão da aluna. A técnica instrumental não é cobrada de forma rigorosa, respeitando o seu tempo de aprendizado. As aulas precisam ser dinâmicas, de forma que a aluna consiga realizar as atividades propostas, devido as dificuldades de concentração, timidez, e cansaço, onde se percebe facilmente na aluna estudada nessa pesquisa. Com isso foram criadas estratégias para serem utilizadas nas aulas, dividida em 03 momentos: cantar, tocar e dançar, exploramos ações musicais específicas para cada momento, conforme a aceitação da aluna aos estímulos.

Citamos aqui um exemplo de uma atividade proposta, que consta no planejamento de atividades da aluna, envolvendo os 03 momentos acima citados: Ao apresentar uma nova figura rítmica à aluna, faz-se uma associação com algumas palavras de sua compreensão; em seguida aplica-se no instrumento, onde focaremos nas atividades de coordenação motora, no sincronismo do violino com o arco; cria-se uma melodia para desenvolver a afinação e melhorar a timidez através do canto; e finalizamos com a dança, que é a atividade preferida da aluna, dando ênfase na pulsação, usando a figura rítmica proposta na aula.

Segundo orientações de Ravagnani (2009), o indivíduo com Síndrome de Down é capaz de reter informações com mais facilidade através do estímulo visual, do que auditivo.

Assim como Souza (2018) constatou em sua pesquisa que: "[...] é importante desenvolver atividades lúdicas que despertem a curiosidade da pessoa com Síndrome de Down, e que tragam significado para sua vida".

Louro (2012), finaliza destacando a importância de repensar as metodologias utilizadas para ensinar música para pessoas com deficiência, através de novos métodos que se dediquem a olhar na maneira diferenciada, as peculiaridades da deficiência de cada indivíduo, facilitando o processo de integração e inclusão com as pessoas típicas (aquelas que não possuem problemas de desenvolvimento neurológico).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Estamos com aproximadamente 02 anos de aulas com a aluna, ainda não conseguimos ter uma regularidade em sua frequência, em virtude principalmente das várias atividades de estimulação (fonoaudiólogo, fisioterapia, psicólogo, terapia de cabine e entre outros) que a aluna precisa realizar semanalmente; além de situações de adoecimento devido apresentar fragilidades em sua saúde. Mesmo assim avançamos nas variações da lição 01 do método Suzuki (vol. 1), amadurecendo as figuras rítmicas representadas em cada variação; trabalhamos também pequenas peças musicais que foram apresentadas juntamente com outros alunos sem deficiência da Escola de Música da UFPA.

Obtivemos resultados satisfatórios no aprendizado musical da aluna com Síndrome de Down, na compreensão dos ritmos sugeridos nas aulas; no gosto em querer aprender mais para fazer melhor. Segundo relato da mãe, verificou-se uma melhora significativa na sua autodisciplina, no poder de concentração, na persistência e responsabilidade com seus estudos musicais. Importante salientar também, como resultado positivo no aprendizado, a interação com os outros alunos da escola.

"Um dos maiores problemas sociais na aceitação da criança com Síndrome de Down, é a sua lentidão motora, mental e cognitiva. É de suma importância que todos entendam que cada indivíduo possui um tempo para assimilação, e que essa lentidão, não expressa negligência, mas sim uma característica da síndrome" (WERNECK, 1993).

É evidente que as pessoas com deficiência podem alcançar o mesmo desenvolvimento intelecto-perceptivo-musical de pessoas sem deficiência. Elas são capazes de construir suas conexões, partindo do reconhecimento do mundo que os cerca. É importante a participação da família, da escola e do professor para conseguir bons resultados no aprendizado (FINCK, 2008).

Para que se pratique a inclusão musical da pessoa com deficiência, é necessário o conhecimento profundo sobre a deficiência e sua abrangência física e cognitiva. O professor

precisa criar laços, e ter uma relação baseada na confiança em ambas as partes. A formação docente deve desbravar novos meios de atuação, tornando-se um ambiente de partilhar e jamais de exclusões (NEVES; COSTA; FERREIRA, 2022).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso compreender que o problema não está nas alterações orgânicas, psíquicas ou relacionais que um aluno com deficiência apresenta, mas sim na interação dessa pessoa com ambientes ou situações não estimuladores que não favoreçam condições para que ela se desenvolva. Isso expressa que as instituições escolares, os educadores e a comunidade em geral, devem estar conscientes de que é de grande importância o respeito, compreensão das peculiaridades, e o reconhecimento das contribuições e do potencial de pessoas que possuem algum tipo de deficiência. A educação inclusiva requer um esforço de modernização e reestruturação de toda a estrutura da escola, e principalmente, da atitude do professor em relação ao aluno (MANTOAN, 2015).

Quando falamos na educação musical inclusiva nos dias de hoje, temos que levar em consideração a democratização do acesso a novas tecnologias, que são chamadas de tecnologias assistivas. Conforme afirmam Barbosa; Neves; Serafim (2016), "A tecnologia assistiva representa um termo novo aplicado para se referir a ferramentas que devem auxiliar na rotina de pessoas com deficiência, proporcionando maior funcionalidade, maior independência, qualidade de vida e inclusão social".

A Síndrome de Down é considerada uma encefalopatia não progressiva, com o tempo seu déficit não aumenta, favorecendo seu desenvolvimento através de estímulos adequados, trazendo grandes aquisições no aprendizado. Com isso, estas pessoas terão suas possibilidades aumentadas, onde o professor além de estimular cada aspecto do desenvolvimento, se permita aprender com elas, interagindo e trocando importantes experiências (BELOTTI, 2014).

O desenvolvimento da pessoa com Síndrome de Down é diretamente relacionado com os estímulos recebidos durante sua vida, que irão influenciar na sua trajetória escolar e da vida. Para Silva e Kleinhans (2006), "A inexistência de graus é uma discussão sempre atual na comunidade científica, que investiga até que ponto as características individuais (herança genética), a estimulação, a educação, o meio ambiente, os problemas clínicos, entre outros, são fatores determinantes no desenvolvimento das pessoas com Síndrome de Down.

Segundo observações e relatos da mãe, a aluna teve grandes avanços no interesse em continuar os estudos no violino; consegue autonomia para estudar sozinha em casa

sempre que sente vontade; melhorou sua timidez e dificuldade em tocar na frente de outras pessoas.

Podem ser desenvolvidas diferentes estratégias de ensino de música para pessoas com deficiência, o professor precisa entender e respeitar o tempo de aprendizagem de cada indivíduo, modificando e ampliando as estratégias de ensino, encontrando caminhos pedagógicos facilitadores da aprendizagem de música para pessoas com deficiência, procurando propostas de ensino que venham contribuir com o aprendizado desses alunos e que seja algo significativo para suas vidas.

Mesmo com a expansão nas pesquisas, trabalhos e artigos sobre inclusão musical, ainda possuímos uma carência em material bibliográfico, em se tratando do aprendizado no violino para pessoas com deficiência. Este estudo trouxe mais dados sobre essa modalidade de inclusão e aprendizado musical, construindo referências metodológicas que possam garantir o melhor acesso à esses alunos.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, J.A; NEVES, C.L; SERAFIM, M.L. **As tecnologias assistivas e suas contribuições pedagógicas para crianças com síndrome de down.** II Congresso Internacional de educação e inclusão (CINTEDI). Paraíba, 2016.
- BELOTTI, Tônia Gonzaga. **Coro terapêutico:** uma ação do musicoterapeuta visando ao desenvolvimento da criança com síndrome de Down. Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Música Stricto Sensu da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2014.
- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Caderno de educação especial:** a alfabetização de crianças com deficiência: uma proposta inclusiva. Brasília: MEC/SEB, 2012.
- BRESSAN, F. G. **A vida por trás dos olhos amendoados:** um livro-reportagem sobre os portadores da Síndrome de Down. Londrina: Eduel, 2002.
- CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** 9. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- FERREIRA, Gildete. **O Protagonismo das pessoas com deficiência.** Monografia de conclusão do curso de Especialização em Formulação e Gestão de Políticas Sociais em Seguridade Social. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.
- FINCK, Regina. **Prodígios Musicais:** a questão do talento nos processos de reprodução musical de deficientes visuais. Departamento de Música do Centro de Artes da Universidade de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.
- KARAGIANNIS, A; STAINBACK, W; STAINBACK, S. Fundamentos do Ensino Inclusivo. *In:* STAINBACK, W; STAINBACK, S (org). **Inclusão um guia para educadores.** Porto Alegre, Artmed, 1999. p. 21-31.
- LEMOS, Cristina; SILVA, Lydio Roberto. A música como prática Inclusiva na educação. **Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia,** Curitiba v.2, p. 32-46. 2011.
- LOURO, Viviane. **Fundamentos da aprendizagem musical da pessoa com deficiência.** São Paulo: Som, 2012.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar – O que é? Por quê? Como fazer?.** São Paulo: Summus, 2015.
- MARCELL, M. Relationships between hearing and auditory cognition in Down's Syndrome youth. **Down Syndrome Research and Practice,** Portsmouth, v. 3, n.3, p. 75-91, 1995.
- MEEGAN, S. *et al.* Gross motor skill acquisition in adolescents with Down Syndrome. **Down Syndrome Research and Practice,** Portsmouth, v. 9, n. 3, p. 75-80, 2006.
- MUSTACCHI, Z. **Curvas padrão pondero-estatural de portadores de Síndrome de Down procedentes da região urbana da cidade de São Paulo.** 2002. 210 f. Tese (Doutorado em Ciências Farmacêuticas) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

NEVES, Viviane Cunha; COSTA, Hellyson Rodrigues; FERREIRA, Gabriel Nunes Lopes. Música e inclusão: ensino de música para estudantes com Síndrome de Down em um projeto na cidade de Teresina-Piauí. **Revista Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades**. Teresina, PI, v. 4, n. 3, p. 01-15, e-ISSN: 2675-1496, 2022. <https://doi.org/10.26694/caedu.v4i3.2>.

OLIVEIRA, G. S., NASCIMENTO, P. S., SARAIVA, L. G. B., DEFREITAS, A.; NOBRE, J. P. S. **O ensino coletivo de percussão**: intervenção para alunos com Transtorno do Espectro do Autismo e alunos com dificuldades de aprendizagem. *In*: Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumento Musical, 6., Salvador, 2014.

PATTERSON, David; COSTA, Alberto C.S. **Down syndrome and genetics – a case of linked histories**. *Nature Reviews Genetics*, v. 6, n. 2, 2005, p.137-147. DOI: 10.1038/nrg1525.

PIETRO, Gabriel. **Revista Razão para acreditar**. 2019. Disponível em: <https://razoesparaacreditar.com/jovem-down-violino/>. Acesso em: 1 ago. 2023.

PRIMEIRA técnica musicista com Síndrome de Down do país fará recital na próxima sexta (17). [s. d.]. Instituto Federal da Paraíba IFPB. Disponível em: https://www.ifpb.edu.br/joaopessoa/noticias/copy12_of_modelo-ano/06/primeira-tecnica-musicista-com-sindrome-de-down-do-pais-fara-recital-na-proxima-sexta-17. Acesso em: 27 set. 2023.

PUESCHEL, Siegfried M. **Síndrome de Down**: guia para pais e educadores. Tradução Lúcia Helena. Campinas, SP: Papyrus, 1993.

RAVAGNANI, Anahi. **A educação musical de crianças com Síndrome de Down em um contexto de interação social**. 2009. Dissertação (Mestrado em Música) Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Música Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2009.

ROCHA, José Alberto Silva; PAULO, Estrela da Conceição Nogueira; RIBEIRO, Antônio José Pacheco. O ensino da música e uma jovem com Síndrome de Down: resultados de um projeto de investigação-ação. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, Florianópolis, v. 14, n. 3, p. 134-156, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/10271>. Acesso em: 3 jul. 2023.

SCHWARTZMAN, J. S. **Síndrome de Down**. São Paulo: Memnon, 2003.

SILVA, M. **Complexidade da formação de professores**: saberes teóricos e saberes práticos [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 114 p. ISBN 978-85-98605-97-5. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 1 ago. 2023.

SILVA, Maria de Fátima Minetto Caldeira; KLEINHANS, Andréia Cristina dos Santos. Processos cognitivos e plasticidade cerebral na Síndrome de Down. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 12, n. 1, p. 123-138, nov. 2006.

SOUZA, Elissuam do Nascimento Barros de. **Música e síndrome de Down**: uma compreensão sobre a aprendizagem no ensino de violino em grupo. 2018. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Artes). Instituto de Ciência da Arte. Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

TORQUATO, Jamili Anbar; LANÇA, Aline Féria; PEREIRA, Décio; CARVALHO, Felipe Gonzalez; SILVA, Roberta Dutra da. A aquisição da motricidade em crianças portadoras de

Síndrome de Down que realizam fisioterapia ou praticam equoterapia. **Fisioterapia em Movimento**, Curitiba, v. 26, n.3, p. 515–524, jul./set. 2013.

TRISTÃO, R. M.; FEITOSA, M. A. G. Percepção da fala em crianças com Síndrome de Down no primeiro ano de vida. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 8, n. 3, p. 459-467, mar. 2003.

TUDASSAKI, Shirley Escobar; LIMA, Sônia. Ensino e aprendizagem musical para deficientes visuais: um levantamento bibliográfico. *In*: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 20., 2011, Vitória, ES. **Anais [...]**. Vitória, ES, 2011.

WERNECK, Claudia. **Muito prazer eu existo**: um livro sobre as pessoas com Síndrome de Down. Rio de Janeiro: WVA, 1993.

WILYE, J. The holistic learning outcomes of musical play for children with Down syndrome. **Down Syndrome Research and Practice**, Portsmouth, v. 5, n.2, p. 54-58, 2006.